

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

### ROCHA PITA (1660-1738)

Sebastião da Rocha Pita nasceu na capital baiana em 3 de maio de 1660. Coursou o colégio dos jesuítas em sua cidade e, depois, a Universidade de Coimbra, graduando-se em cânones. Regressando ao Brasil, estabeleceu-se com fazenda nas proximidades da vila de Cachoeira. Homem abastado, foi distinguido com numerosas honrarias: Coronel do Regimento Privilegiado das Ordenanças da Bahia, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Professor da Ordem de Cristo, Acadêmico da Real Academia da História Portuguesa e da Academia Brasileira dos Esquecidos. Tentou, sem êxito, a poesia e a prosa de ficção. Tendo aprendido diversas línguas e sendo, como já se disse, homem de recursos, partiu para Portugal a fim de realizar pesquisas no campo da história, publicando, em 1730 e em Lisboa, sua **História da América Portuguesa**. Faleceu em sua cidade natal aos 3 de novembro de 1738.

Embora tenha escrito e publicado outros trabalhos, Rocha Pita é lembrado hoje pela **História da América Portuguesa**, que se tornou um dos livros mais questionados e discutidos de nossa bibliografia histórica. Escrito numa forma excessivamente rebuscada, de um "barroquismo" insuportável para os leitores de hoje, mas próprio da época, teve detratores e defensores. Desde os primeiros que, no século passado, escreveram histórias literárias, como Sílvio Romero e José Veríssimo, até os historiadores mais renomados, de Capistrano de Abreu a José Honório Rodrigues, não houve quem dele não se ocupasse. Muito mais criticado que louvado, conforme mostraremos em transcrições nesta nota, para que nossos leitores possam ajuizar sobre alguém que, apesar de todas as deficiências, tem seu lugar como "vulto da historiografia brasileira". Tanto, que seu livro fez jus a mais edições talvez do que qualquer outro da época colonial. E continua sendo reeditado e em coleções prestigiosas, com a "Reconquista do Brasil" (Itatiaia/Edusp). Foi um dos quatro autores brasileiros selecionados para figurarem na preciosa coleção "Clássicos Jackson", sendo os outros três João Francisco Lisboa, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa.

Para Sílvio Romero, o livro de Rocha Pita “deve antes ser tomado por uma novela histórica, recheada de descrições, fábulas e divagações, do que como uma história no rigoroso sentido”. Critica o estilo: “uma forma insuportável pelas antíteses, amplificações, luxo de tropos inchado e de prolixidade intoleráveis”. Lembra, contudo, que a nota predominante no autor baiano é o patriotismo, donde o “alcance moral do livro”: “Aparecido num tempo em que começava a dissipar a lenda da inferioridade originária do brasileiro diante do português, a obra de Rocha Pita, por seus idílios sobre a natureza física desta porção da América, seu entusiasmo por nossos feitos, foi como uma espécie de tela em que se acharam debuxados o nosso valor, nossas ações e nossas esperanças. Sem ter bebido em fontes amplas e salubres, sem ter avigorado pela crítica a sua narrativa, o autor baiano prestou à sua pátria o imenso serviço de retratá-la num esboço em certo sentido exato e útil para o seu tempo”. E após transcrever trechos do capítulo inicial para mostrar o “estilo” do autor, conclui: “Aí está Rocha Pita inteiro; é ele e seu tempo; são suas idéias e é o estilo da época”.<sup>1</sup>

José Veríssimo não deixa por menos: “Escrita em estilo de prosa poética, como se fora um poema em louvor do Brasil, com mais entusiasmo e arroubo de sentimento patriótico do que a serenidade e o bom juízo da história”. Mas, admite que “o mérito incontestável da História de Rocha Pita, ainda com as restrições que do ponto-de-vista das exigências da história se lhe possam fazer, é o de ser a mais completa publicada, como lhe reconheceram os censores oficiais. E não só para os portugueses que assim podiam melhor informar-se dos sucessos de sua grande colônia. Aos brasileiros, o livro, escrito num estilo que lhes seria muito grato ao paladar literário e sentimento nativista, ensinava-lhes a história de sua terra, sublimando-a por tal forma que eles se ufanariam de serem seus filhos”.<sup>2</sup>

Já para Varnhagen o livro “se recomenda pela riqueza das descrições e elevação do estilo, que às vezes são tais, que mais parecem de um poema em prosa”.<sup>3</sup>

José Aderaldo Castello observa que a obra de Rocha Pita, “já traz no próprio título a indicação do sentimento e dos propósitos do autor, luso-brasílicos, glorificadores tanto de Portugal quanto do Brasil, através de um estilo acadêmico, demasiado retórico, impróprio ao espírito crítico. Está

(1) Romero, Sílvio, História da literatura brasileira, 3ª edição, tomo segundo, págs. 62-67. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943. (Coleção “Documentos brasileiros”, vol. 24-A).

(2) Veríssimo, José - História da literatura brasileira, 4ª edição, pág. 86. Brasília, Universidade de Brasília, 1963 (Biblioteca Básica Brasileira”, v. 3)

(3) Cit. em Sílvio Romero, obra indicada, pág. 63.

longe da contribuição de Frei Vicente do Salvador, mas não deixa de ter grande importância, ainda que negativa, para o estudo da evolução do sentimento nativista na sua feição luso-brasílica, misto de exaltado amor particularista pela terra e de veneração patriótica pela monarquia portuguesa, à qual, segundo o autor, nos orgulhámos então de pertencer. É nestes termos que o leitor se surpreenderá com a leitura da *História da América Portuguesa*, desde a sua linguagem acentuadamente barroca, com visíveis preocupações literárias, até a manifestação do que poderíamos chamar 'ufanismo colonial'<sup>4</sup>

Para Artur Mota, o principal valor de Rocha Pita está em ter sido o primeiro a escrever uma história do Brasil com a sistematização que uma obra de tal natureza exigia. Mas, não deixa de advertir que a obra não se recomenda pelas qualidades de análise dos fatos e de apreciação das respectivas causas e origens.<sup>5</sup>

Capistrano de Abreu censurou-lhe o prurido de erudição e o excesso de lusitanismo, a ponto de obscurecer o sentimento de independência que ele nunca manifestou e de se externar adverso a intuítos emancipacionistas. Um pouco contraditório: como pode obscurecer um sentimento que nunca se manifestou? "Em falta de espírito crítico, que, em comum com os seus contemporâneos, Pita não possuía, ele trouxe para a sua história das inspirações de um forte patriotismo"<sup>6</sup>

Oliveira Lima defende-o de uma das críticas que com mais insistência foram feitas a Rocha Pita: a de não ter se mostrado bastante brasileiro, a começar pelo título que deu ao livro; é uma *História da América Portuguesa* e não do Brasil... "Acho, contudo, fraco motivo para censura semelhante ausência em um escritor de princípios do século XVIII, de um sentimento de pátria, o qual, na realidade era ainda forçosamente embrionário, vago ou pelo menos mal definido..." Referindo-se ao tópico sobre a na época recentíssima guerra dos mascates, conclui o historiador pernambucano: "Esta e outras narrações históricas são geralmente esboçadas no livro de Rocha Pita com escrupulosa exatidão e com uma fluência e elevação de estilo que o gongorismo não corrompe em demasia"<sup>7</sup>

(4) Castello, José Aderaldo - *Manifestações literárias da era colonial*, 3ª edição, pág. 89. São Paulo, Cultrix, 1967. (Volume I da coleção "Literatura Brasileira").

(5) Mota, Artur - *História da literatura brasileira: época da transformação*, século XVIII, págs. 41-49. São Paulo, Editora Nacional, 1930.

(6) Cit. em Silvio Romero e Artur Mota, obras indicadas, págs. 65 e 48, respectivamente.

(7) Lima, Oliveira - *Aspectos da literatura colonial brasileira*, pág. 156. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Brasília, INL, 1984. (Coleção "Dimensões do Brasil", v. 16).

Para Nelson Werneck Sodré, a obra de Rocha Pita não passa de “panegírico literário, de fraco valor histórico”. Reconhece, contudo, que tem “alguns traços interessantes”. E ressalta um deles: a atenção que dá ao problema de Palmares, “tão pouco tratado pelos historiadores antigos e modernos”. Mesma linha de pensamento que levou Oliveira Lima a ressaltar a atenção dada aos “mascates”...<sup>8</sup>

José Honório Rodrigues dedica a Rocha Pita quase dez páginas de seu estudo sobre a historiografia colonial, indicando capítulo por capítulo, o conteúdo da História da América Portuguesa, salientando, particularmente, os aspectos negativos do que ele denomina “a mais lusitana História do Brasil colonial”: “Ele é anti-índio, antinegro, pró-escravidão, antijudeu, antipaulista, antiBrasil, pró-Portugal. É um colonialista empedernido”. Enfim, “um livro de um grande cortesão, que inicia uma escola que tem seus mestres e discípulos ainda hoje dominando instituições e universidades”.<sup>9</sup> Para José Honório ainda há muitos Rochas Pitas hoje...

Remataremos estas apreciações com a de Pedro Calmon, prefaciador e anotador das duas mais recentes edições da obra de Rocha Pita (Jackson, 1964, e Itatiaia/Edusp, 1976): “A crítica evidentemente não lhe perdoa o fraseado gongórico, o ‘barroquismo’, a ênfase ditirâmbica, tudo o que de rotundo, excessivo, imaginoso e, portanto, de um pitoresco mau gosto, lhe sobrecarrega a narrativa, sem entretanto lhe tirar - no essencial do livro - a influência e a clareza. Precisa ser lido e deve ser lido como um exemplo da literatura que ao seu tempo florescia e da arte, do ideal poético, das deformações estéticas, do gênio ‘barroco’ que nela refletia. É impossível analisar o escritor fora do seu ambiente emocional (...) é um elemento ‘barroco’ da cultura nacional como qualquer dos monumentos que a ilustram, conservando na sua velha fisionomia o selo precioso da autenticidade. Tem um valor a mais: é o cabedal noticioso que o inclui entre as escassas fontes impressas da história pátria. Nalguns trechos é insubstituível o seu testemunho. Torna-se uma excelente documentação contemporânea. Uma espécie de compêndio de memórias. Melhor do que isto: uma coletânea regionalista de tradições que, sem ele, não teriam alcançado a posteridade. Certo, é responsável por vários erros que se repetem até agora, reproduzidos mecanicamente nos clichês do ensino primário, lendas, suposições, mentiras,

(8) Sodré, Nelson Werneck - O que se deve ler para conhecer o Brasil, 5ª ed., pág. 215. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976 (Coleção “Retratos do Brasil”, v. 54)

(9) Rodrigues, José Honório - História da História do Brasil, 1ª parte: Historiografia colonial, págs. 494-503. São Paulo, Editora Nacional, 1979. (Coleção “Brasiliana”, grande formato, v. 21.)

que a história séria - isto é, a boa documentação arquivística - de muito destruiu e pulverizou".<sup>10</sup>

José Verfssimo, no trecho que tanscrevemos, referiu-se aos "censores oficiais" que viram no livro de Rocha Pita o mérito de ser a primeira obra, sistematizada, contendo uma "História" do Brasil. Convém lembrar, por outro lado, que o parecer da Academia Real da História, ao apreciá-lo, louvou-o, ainda que parecesse ao relator "mais elogio ou panegórico do que História". Mas a censura do Santo Ofício derramou-se em louvores à obra: "Tem o Brasil a ventura de achar na eloquência de um filho o melhor instrumento de sua glória, e o maior manifesto do seu luzimento, pois publica com este pregão as suas excelências e dá a conhecer as suas singularidades. Estou certo se há de ler a presente História com gosto e sem fastio pela boa ordem e admirável disposição com que está composta, novidades que refere, particulares que relata, elegância com que se adorna; porque o estilo é grave, especioso e agradável, natural, sem artifício e culto, sem afetação, e tão singular que não tem regra ociosa, oração supérflua; não tem período que não seja próprio, palavra que não esteja em seu lugar; não há termo que não perceba com clareza, objeto que se não veja com distinção; igualmente convida a curiosidade e desabafa a emulação; porque historiar desta sorte é felicidade de poucos e inveja de muitos" (Fr. Boaventura de S. Gião). Não sabemos porquê, e sem motivo aparente, as páginas iniciais do volume, contendo "dedicatória", "prólogo" e "advertência" do autor, e os documentos relativos às "licenças" da Academia Real da História e das mesas do Santo Ofício, do Ordinário e do Desembargo do Paço, foram omitidas nas duas últimas edições da obra. Utilizamos para nossa transcrição a chamada "Edição Homem de Melo", de 1878.

#### Edições da História da América Portuguesa

Conforme observamos no início desta nota, a História de Rocha Pita, apesar de todas as críticas que desde o século passado lhe vêm sendo feitas, é um dos textos da era colonial que mais vezes tem sido reeditado, superado apenas, parece-nos, pela clássica *Cultura de Opulência do Brasil*, de Antonil, de 1711.

A edição "príncipe", de 1730, publicada na "Lisboa Ocidental" por Joseph Antônio da Silva, trazia o seguinte título *História da América Portuguesa, desde o ano de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro, oferecida à Majestade Augusta de El-Rei D. João V, nosso Senhor*. Continha "Dedicatória", "Prólogo", "Advertência" e os documentos relativos às diversas "licenças" exigidas

(10) Prefácio às duas últimas edições da História da América Portuguesa. A citação ocorre às págs. XI-XII da edição Jackson e 14 da edição Itatiaia/Edusp.

para a publicação do livro. E a matéria distribuída por dez “livros”, totalizando 716 páginas, após as quais acrescentou o autor esta “Protestação”: “Protesta o autor desta história que as matérias que tocarem a aparições ou parecerem milagres e sucessos sobrenaturais trazidos nela, não procura tenham mais crédito que o que se deve dar a uma história puramente humana, e que toda esta obra sujeita à censura da santa Igreja católica romana, e se conforma com os decretos pontifícios, em especial com os do santo padre Urbano VIII, e a todos em tudo e por tudo se reporta”. Ao nome do autor, acompanhavam, na página de rosto, todos os seus títulos já enumerados.

A segunda edição, publicada na Bahia em 1878, por iniciativa do Barão Homem de Melo, então presidente da província, e impressa na Imprensa Econômica, figura como volume inicial de uma “Coleção de Obras relativas à história da capitania, depois província da Bahia e sua geografia”, que não sabemos se teve prosseguimento. Continha 513 páginas e trazia, em apêndice, uma ligeira nota sobre a invasão holandesa na Bahia em 1638, extraída da obra clássica de Barleu, de 1647.

A terceira edição, que erroneamente consta como sendo a segunda, apareceu em Lisboa, “revista e anotada” por José Gomes Góis e impressa por Francisco Artur da Silva, 1880, 404 páginas.

Uma quarta edição, mas sem qualquer indicação numérica, foi tirada por Garnier, do Rio de Janeiro, sem data, mas provavelmente do início deste século. Dizem Artur Mota e Rubens Borba de Moraes que é a menos apreciada das várias edições do livro.

Em 1950, apareceu pela Editora Progresso, do Salvador, uma nova edição, declarando ser a terceira, quando, na realidade, já era a quinta. Continha 428 páginas, trazendo também o “apêndice” de Barleu constante da edição Homem de Melo e integrava a série “Marajoara” (volume sétimo) de uma “Coleção de Estudos Brasileiros”

De 1964, data a edição Jackson, a que já temos feito referência, com prefácio e notas de Pedro Calmon e integrando, como volume trigésimo, a preciosa coleção “Clássicos Jackson”. 497 páginas.

Finalmente, em 1976 publicou-se a sétima edição, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Editora da Universidade São Paulo. Reproduz o prefácio e as notas de Pedro Calmon, da edição anterior, tendo, a mais, apenas uma “apresentação” do Prof. Mário Guimarães Ferri, então diretor da Coleção “Reconquista do Brasil”, na foi inserida, como volume nº 32, 294 páginas.

Além da **História da América Portuguesa**, arrolam-se mais os seguintes trabalhos no acervo de Rocha Pita:

**Breve compendio e narração do fúnebre espetáculo que na insigne cidade da Bahia, cabeça da América Portuguesa, se viu na morte del-rei D. Pedro II.** Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1709.

Após a "narração", encerram este opúsculo alguns sonetos do próprio Rocha Pita e de outros autores, os quais encontram-se reproduzidos por Varnhagen em seu **Florilégio da poesia brasileira**.

**Summario da vida e morte da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Leonor Josepha de Vilhena e das exéquias que se celebraram à sua memória na cidade da Bahia.** Lisboa, na Officina de Antonio Pedrozo Galran, 1721.

**Tratado Político**, oferecido a D. Pedro de Noronha, conde de Vila Verde e marquês de Angeja. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972.

**Oração na Academia Brasflica em 7 de maio de 1724.** Incluso no volume primeiro das publicações da Academia.